

#211

# O Gosto pela Arte Islâmica Vem aí o Jardim de Verão Gulbenkian e o Cinema Português

 FUNDAÇÃO  
CALOUSTE GULBENKIAN





AZULEJOS COM MEDALHÕES (PORMENOR). SÍRIA, DAMASCO, PERÍODO OTOMANO, FINAL DO SÉCULO XVII © MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN

## 4

### Novas exposições

Apartir de 12 de julho, o Museu Calouste Gulbenkian apresenta duas novas exposições, uma na Galeria Principal do Edifício Sede e outra no Espaço Conversas do Museu. Centrada no fascínio de Calouste Gulbenkian e dos colecionadores seus contemporâneos pelo orientalismo, a exposição **O Gosto pela Arte Islâmica** vai mostrar diferentes perspetivas sobre a arte do fim do Império Otomano até à época que ficou conhecida como a Era do Petróleo.

No piso inferior do Museu Gulbenkian, mostra-se pintura, desenho, bordado, cerâmica, inspirados na iconografia popular do Minho, região que marcou fortemente Sarah Affonso durante a sua infância e adolescência em Viana do Castelo.

## 10

### Vem aí mais um Jardim de Verão

Os dois últimos fins de semana de julho vão trazer concertos e muita animação ao Jardim de Verão. A programação inclui Camané com a Orquestra Gulbenkian, Cole Porter interpretado pelo Coro Gulbenkian e muitos ritmos que vão de Cabo Verde à antiga Pérsia. Além dos espetáculos noturnos no Anfiteatro ao Ar Livre, haverá muitos motivos para passar as tardes connosco no Jardim.



O CONSTRUTOR DE ANJOS, LUÍS NORONHA DA COSTA  
© COL. CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

## 12

### A Gulbenkian e o Cinema Português

De 5 a 14 de julho, o ciclo *A Gulbenkian e o Cinema Português* centra-se na Memória do Futuro, o título que o curador justifica em entrevista como “um jogo de palavras”. António Rodrigues diz que a ideia central é “voltar para trás, aos primeiros filmes apoiados pela Gulbenkian, e saltar para os mais recentes, tentando dar uma ideia de continuidade, criar um diálogo entre o que foi feito no começo e o que é feito agora”.



CAMANÉ © D.R.

# Índice

## 16

### **Dia Calouste Gulbenkian**

Este ano, o dia dedicado a Calouste Gulbenkian celebra-se a **19 de julho** como a entrega dos Prémios Gulbenkian, mas também como a evocação das suas palavras publicadas no livro que reúne as cartas que trocou com o seu único neto, Mikaël Essayan. O dia terá ainda um concerto com a Orquestra Gulbenkian onde será apresentado, em estreia mundial, o Concerto para Clarinete e Orquestra de Luís Tinoco, uma encomenda da Fundação Gulbenkian.

## 18

### **De hoje para amanhã**

No início de junho, a Fundação lançou De hoje para amanhã, um projeto que quer criar uma maior consciencialização sobre o impacto que os compromissos assumidos hoje hão de ter na vida das gerações de amanhã e, ainda, incentivar a adoção de critérios de justiça intergeracional aquando da definição de políticas públicas.

---

### **Exposições**

- 4** O Gosto pela Arte Islâmica
- 8** Sarah Affonso e a Arte Popular do Minho

---

### **Espetáculos**

- 10** Jardim de Verão

---

### **Cinema**

- 12** Entre o passado e o futuro do cinema português

---

### **Notícias**

- 14** Acordo para venda da Partex
- 16** Dia Calouste Gulbenkian
- 17** Novas Academias Gulbenkian do Conhecimento
- 18** De hoje para amanhã
- 20** International Development Summer Course
- 21** A luta contra o abuso de crianças e jovens

---

### **Ambientes**

- 22** António Damásio

---

A FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN É UMA INSTITUIÇÃO PORTUGUESA DE DIREITO PRIVADO E UTILIDADE PÚBLICA, CUJOS FINS ESTATUTÁRIOS SÃO A ARTE, A BENEFICÊNCIA, A CIÊNCIA E A EDUCAÇÃO. CRIADA POR DISPOSIÇÃO TESTAMENTÁRIA DE CALOUSTE SARKIS GULBENKIAN, OS SEUS ESTATUTOS FORAM APROVADOS PELO ESTADO PORTUGUÊS A 18 DE JULHO DE 1956.

#211 — JULHO 2019 / ISSN 0873-5980 / ESTA NEWSLETTER É UMA EDIÇÃO DO SERVIÇO DE COMUNICAÇÃO / DESIGN E DIREÇÃO CRIATIVA — THE DESIGNERS REPUBLIC — IAN ANDERSON / DESIGN GRÁFICO — DDLX / REVISÃO DE TEXTO — RITA VEIGA / CAPA — LÂMPADA DE MESQUITA, EGÍPTO (OU SÍRIA), SÉCULO XIV, PERÍODO MAMELÚCO. © MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN / IMPRESSÃO — CRECA ARTES GRÁFICAS / TIRAGEM — 9 000 EXEMPLARES / AV. DE BERNA, 45, 1067-001 LISBOA / TEL. 21 782 30 00 / INFO@GULBENKIAN.PT / GULBENKIAN.PT



## O Gosto pela Arte Islâmica



TAPETE TIPO "COMBATE DE ANIMAIS" (PORMENOR). PÉRSIA, CAXÃ, MEADOS DO SÉC XVI, PERÍODO SAFÁVIDA © MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN

*A nova exposição do Museu Calouste Gulbenkian, que vai ocupar a Galeria de Exposições Temporárias do Edifício Sede até outubro, mostra o fascínio de Calouste e dos seus contemporâneos pelo orientalismo, numa época marcada pelos negócios do petróleo.*

---

Cento e cinquenta anos após o nascimento de Calouste Gulbenkian, esta exposição lança um novo olhar sobre a sua coleção, à luz do contexto histórico em que as obras foram adquiridas. Jessica Hallett, curadora da exposição e uma das responsáveis pelo núcleo islâmico do Museu Gulbenkian, fala-nos desta mostra que está a ser preparada há um ano e meio e que vai contribuir para melhor conhecermos o inestimável património oriental reunido por Calouste ao longo da sua vida.

### **Como descreveria esta exposição em poucas palavras?**

É um dos momentos altos da celebração dos 150 anos do nascimento de Calouste Gulbenkian e debruça-se sobre a sua coleção de arte islâmica, uma coleção mundialmente importante e merecedora de novas leituras, na linha da orientação definida por Penelope Curtis, diretora do Museu. Seguindo os passos de Calouste, vamos conhecer alguns momentos fundamentais da história da sua vida e da sua coleção.

### **Que momentos vão ser evocados?**

Calouste Gulbenkian viveu tempos muito turbulentos: o fim do Império Otomano, as duas guerras mundiais na Europa, o colonialismo no Médio Oriente e a diáspora arménia. Nesta exposição, o encontro com os objetos da sua coleção terá como pano de fundo estes acontecimentos históricos que marcaram a sua vida e a sua atividade de colecionador, na altura em que a categoria de "arte islâmica" foi criada.

### **De que forma alguns desses acontecimentos se refletiram na coleção?**

Por exemplo, o declínio do Império Otomano teve efeitos no mercado da arte da época e, conseqüentemente, na coleção de Calouste Gulbenkian. Os arménios ocupavam lugares-chave na corte otomana ou em negócios de exportação e, quando o Império se desmoronou, muitos procuraram outros modos de vida, alguns dedicando-se ao comércio de obras de arte. Dispunham de uma forte rede de contactos, desde o Médio Oriente até à China, e utilizaram-na para fazer



MINIATURA COM UM JOVEM LENDO UM LIVRO (PORMENOR). ÍNDIA, DECÃO (?), PERÍODO DO SULTANATO, SÉCULO XVII © MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN

chegar as obras de arte à Europa. Os massacres de que foram alvo em 1894-1896 levaram ao surgimento da diáspora arménia, que acabou por desempenhar um papel importante no mercado de arte mundial.

### **Calouste Gulbenkian utiliza esta rede arménia para adquirir obras?**

Com muita frequência. Podemos dizer que um quarto da sua coleção de arte islâmica foi adquirido através de antiquários arménios e um terço das obras foi negociado por arménios em leilões. Consultando as cartas de Gulbenkian, tornou-se possível traçar os movimentos destas pessoas. Há um mapa que mostra o itinerário destes comerciantes à procura das peças de arte islâmica para Calouste Gulbenkian.





PRATO FUNDO COM ARABESCOS. TURQUIA, IZNIK, PERÍODO OTOMANO, C. 1600. © MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN

## O GOSTO PELA ARTE ISLÂMICA

Curadoria: Jessica Hallett

Edifício Sede – Galeria Principal

12 julho – 7 outubro

### **Calouste Gulbenkian utilizava a expressão arte oriental e não arte islâmica...**

O conceito de arte islâmica é posterior. Calouste Gulbenkian considerava-se um oriental e falava em "arte oriental" mas, no final do século XIX, com o crescimento dos nacionalismos, tornou-se habitual categorizar estas artes em termos de etnia. Surgiram então outras designações como "arte persa", "arte árabe" ou "arte sarracena". O termo "arte muçulmana" foi usado numa exposição realizada em 1893 e, mais tarde, ensaiou-se o termo "arte maometana", o que não foi considerado rigoroso porque, na verdade, a arte não religiosa ficava fora dessa designação. Na década de 1920, é utilizado pela primeira vez o termo "arte islâmica" que passa a ser adotado após a II Guerra Mundial.

### **Chegou-se a um consenso geral?**

Não propriamente. Este conceito continua a ser discutido porque os académicos usavam-no para descrever a região que vai do Sul de Espanha à Índia, do tempo de Maomé até ao século XVIII, o que deixa regiões e épocas à margem. Uns consideram o termo "arte islâmica" capaz de abraçar uma grande

diversidade, outros veem nele um conceito muito eurocêntrico. Foi também usada a designação de "arte do Médio Oriente" mas a discussão continua. A minha opinião é que a multiplicidade artística sugerida por este conceito é tão ampla que devemos, sempre que possível, especificar de que arte estamos a falar.

### **Quando é que a arte islâmica passou a suscitar interesse na Europa?**

Podemos apontar dois momentos: o primeiro no final do século XIX, quando a arte islâmica se torna fonte de inspiração para as artes europeias, como é demonstrado pela Arte Nova; o segundo ocorre após 1920, com a exploração do petróleo, numa altura em que o interesse dos investidores se vira também para a arte das zonas geográficas de onde extraem "ouro preto".

### **Os magnatas do petróleo passam também a disputar entre si os recursos artísticos dessas zonas?**

Começa a haver um grande interesse, em especial por um dos artefactos mais emblemáticos do

Médio Oriente: os tapetes, sobretudo os persas. A competição começa a ser grande, o que leva a que Gulbenkian tenha de agilizar algumas compras em antiquários para conseguir garantir peças muito cobiçadas. Há registo de, pelo menos, dois tapetes que Gulbenkian poderia ter comprado mas não o fez por já ter alguns exemplares na sua coleção e que acabaram por ser adquiridos por J. D. Rockefeller Jr., estando hoje no Metropolitan Museum of Art de Nova Iorque. Sabe-se também que Gulbenkian esteve em competição com J. P. Getty por um tapete que esteve exposto na coroação de Eduardo VII, que acabou por ser comprado pelo americano que desembolsou uma fortuna por ele. É apenas um exemplo do grande interesse que estas peças suscitaram entre os magnatas do petróleo.

### Como está organizada a exposição?

Logo no início, apresentam-se quatro peças-chave de museus da Europa e dos Estados Unidos, que remetem para o passado histórico e artístico de cidades como Damasco, Mossul ou Raca, hoje cenários de guerra e que têm, por isso, um valor ímpar. Seguem-se cinco núcleos temáticos, ao longo dos quais serão mostradas cerca de 150 peças, a maioria pertencente à coleção do Museu Gulbenkian. A elas juntam-se mais de cinco dezenas de peças vindas de museus de todo o mundo. Apesar de não ser uma exposição biográfica, seguimos a vida de Gulbenkian e encontramos momentos que abrem janelas para diversos contextos.

### A que contextos se refere?

Vários, marcados por algumas datas-chave: 1869, ano do seu nascimento, em pleno Império Otomano; depois 1898, altura em que, já na Europa, Calouste Gulbenkian começa a colecionar obras do Médio Oriente. O ano de 1907 remete-nos para Raca, onde foram encontradas cerâmicas intactas do século XII e XIII que chegaram à Europa pela já referida rede dos negociantes arménios. Crê-se que Gulbenkian tenha sido um dos primeiros colecionadores a adquirir peças deste “grande achado”, como ficou conhecido. É também destacado o ano de 1914, em que se dá o acordo de Calouste Gulbenkian com a Turkish Petroleum Company e tem início da I Guerra Mundial, que teve grandes repercussões no Médio Oriente, com a criação de novos Estados. O ano de 1918 assinala o final da Guerra e também o reforço da fortuna de Calouste que, num período de cinco anos, adquire duas centenas de peças de arte islâmica.



VASO COM PÁSSAROS A VOAR (PORMENOR). EGITO OU SÍRIA, PERÍODO MAMELUCO, FINAIS SÉCULO XIII OU INÍCIO SÉCULO XIV © MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN

### E como termina a exposição?

Termina com a vinda de Calouste para Lisboa, dando conta das suas últimas aquisições de arte islâmica, incluindo o célebre vaso da coleção que remete para o poema sufi *A Conferência dos Pássaros* (na foto, em cima). Neste poema, os pássaros reúnem-se para encontrar um novo líder e, para tal, decidem iniciar uma longa viagem em busca do pássaro mítico Simorgh. Após uma árdua viagem através de sete vales e sete montanhas, as aves veem-se refletidas nas águas de um lago e compreendem que são elas mesmas o soberano que procuravam. É com esta belíssima peça, inspirada neste sugestivo poema, que a exposição termina, em 1949, precisamente numa altura em que começa a ser fundada uma nova ordem mundial.

---

# Sarah Affonso e a Arte Popular do Minho

*Esta nova exposição celebra o 120.º aniversário do nascimento de Sarah Affonso (1899-1983), pintora modernista com um percurso de assinalável qualidade, mas com uma obra pouco conhecida e raramente exposta.*

Recordada sobretudo como a mulher de Almada Negreiros, Sarah Affonso foi a última aluna de Columbano Bordalo Pinheiro. Adota uma desconstrução voluntária da pintura, nem sempre entendida e nessa medida desvalorizada pela sua aparente ingenuidade.

A exposição que o Museu Calouste Gulbenkian apresenta, a partir do dia 12 de julho, reúne obras de pintura, desenho, bordado, cerâmica, inspiradas na iconografia popular do Minho, região que marcou fortemente a artista desde a infância e adolescência em Viana do Castelo, entre 1904 e 1915.

Apesar de o retrato ter sido muito importante no início da carreira de Sarah Affonso, são as suas composições inspiradas na iconografia do Minho, no artesanato, mas também nas procissões, feiras e romarias, que constituem o conjunto de pinturas mais conhecido da sua obra, realizado a partir de 1936 e exposto com muito sucesso em 1939. Diversos aspetos do vernáculo minhoto incorporam os seus trabalhos, embora filtrados por um olhar urbano e por uma extensa aprendizagem artística. Sarah Affonso decide interromper a sua carreira como pintora a partir destes anos, mantendo atividade artística noutros suportes. Nesta exposição, com curadoria de Ana Vasconcelos, as obras de Sarah Affonso serão mostradas ao lado de objetos de cerâmica, têxteis ou ourivesaria, que formam parte do léxico visual que a inspirou e onde se incluem empréstimos de diversos museus e colecionadores portugueses.

O Museu Calouste Gulbenkian associa-se ao Museu Nacional de Arte Contemporânea do Chiado, que também assinala este aniversário com uma exposição sobre a artista, a inaugurar em setembro deste ano.

---

## **Sarah Affonso e a Arte Popular do Minho**

Curadoria: Ana Vasconcelos

*Coleção do Fundador – Galeria do piso inferior*

**12 julho – 7 outubro**





SARAH AFFONSO, ESTAMPA POPULAR, 1937 © MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN — COLEÇÃO MODERNA / FOTO: MÁRIO OLIVEIRA

## Vem aí mais um Jardim de Verão

*No final de julho, o jardim vai encher-se de muita música e outras tantas palavras. É o verão que está de regresso ao Jardim Gulbenkian.*



O CORO GULBENKIAN, NOUTRA EDIÇÃO DO JARDIM DE VERÃO © MÁRCIA LESSA

Durante dois fins de semana (20-21 e 27-28 de julho, com direito a bónus na sexta, 26), a música e a palavra voltam a ser as principais atrações dos Jardins da Fundação. O programa de cada dia começa, invariavelmente, com a batida de uma mão (quase) cheia de DJ e acaba sempre com um grande concerto. Pelo meio, a Margem, o Pinhal, o Anfiteatro ao Ar Livre e o Grande Auditório serão invadidos por Dons Robertos e artes circenses, pelo *swing* do jazz e sons de latitudes que vão de Cabo Verde, no meio do Atlântico até à antiga Pérsia. Entre as sombras do Jardim, poderá ouvir ainda as vozes de José Anjos e Pedro Freitas, a dar corpo a alguns dos ensinamentos que Calouste Sarkis Gulbenkian transmitiu, por carta, ao seu único neto – Mikaël Essayan – enquanto este estudava em Inglaterra. “A inteligência, quando é mal orientada e não acompanha a qualidade de reflexão e de moral, pode levar aos piores desastres” – é apenas um excerto (retirado do livro de cartas *A educação do Delfim*, acabado de lançar) daquilo que, nos anos 40 do século XX, em plena II Guerra Mundial, o avô Calouste quis transmitir ao seu neto Mikaël.

---

## Programa

### Sábado, 20 julho

14h30 DJ Set com DJ Tiago Santos

15h00 *Joaquaria Contemporânea em Portugal.*

Visita orientada pela convidada de verão, Cristina Filipe

16h00 *O Gosto pela Arte Islâmica*

Visita orientada pela curadora, Jessica Hallet

16h00 Leitura encenada de cartas de Calouste

Gulbenkian a seu neto, com José Anjos e Pedro Freitas

16h30 Gerajazz

19h00 Sahar Mohammadi, uma das mais belas vozes da música clássica persa

21h30 *MX, Licença para cantar*, ou o fado de Miguel Xavier, sob direção cénica de Ricardo Pais

### Domingo, 21 julho

14h30 DJ Set com DJ Lady G. Brown

16h00 Leitura de cartas de Calouste Gulbenkian

a seu neto, com José Anjos e Pedro Freitas

16h30 Escola de jazz do Hot Clube

21h30 *Cole Porter and Friends*, com o Coro Gulbenkian

### Sexta, 26 julho

21h00 Orquestra Gulbenkian e Camané

### Sábado, 27 Julho

14h30 DJ Set com DJ Jungle Julia

15h00 *Sarah Affonso e a Arte Popular do Minho*

Visita orientada por Hilda Frias

16h00 *O Gosto pela Arte Islâmica*

Visita orientada por Ricardo Mendes

16h00 *Pessoas*, os vários Pessoa num espetáculo do Chapitô

16h30 Teatro Dom Roberto, pelo Teatro Mandrágora

21h30 *Herança*, um concerto de Lura com Sara Tavares, sua convidada especial

### Domingo, 28 julho

14h30 DJ Set com DJ Johnny

16h00 *Clowns*, pelo Chapitô

16h30 *Bzzzoira Moira*, pelo Teatro Mandrágora

21h30 *Songs of Exile*, um concerto dos Naghash Ensemble.

Mais informação em [gulbenkian.pt](http://gulbenkian.pt)



LURA © ANTÓNIO MARINHO DA SILVA



AS VOZES FEMININAS DO NAGHASH ENSEMBLE © D.R.



## Entre o passado e o futuro do cinema português

*Programador na Cinemateca há mais de 20 anos, António Rodrigues é o curador convidado para programar o quarto ciclo A Gulbenkian e o Cinema Português, para ver de 5 a 14 de julho.*



A VOLTA AO MUNDO QUANDO TINHAS 30 ANOS, AYA KORETZKY

### **Como surgiu o tema “A Memória do Futuro”?**

Desde a primeira reunião que tínhamos a ideia de fazer uma perspetiva histórica do cinema português. Assim, vamos ter seis sessões, distribuídas por três tipos de programa: dois são retrospectivos, com filmes das primeiras produções da Gulbenkian, ainda nos anos 60 e 70, e outro apresenta dois filmes muito recentes. Logo, “Memória do Futuro” é um pouco um jogo de palavras: vamos voltar para trás, aos primeiros filmes apoiados pela Gulbenkian, e saltar para os mais recentes, tentando dar uma ideia de continuidade, criar um diálogo entre o que foi feito no começo e o que é feito agora – ainda que há 40 anos o país fosse outro e a Fundação também.

### **Quando compara o passado e o presente do cinema português, o que lhe salta à vista?**

É evidente que Portugal era outro país antes do 25 de abril. E a Gulbenkian era uma espécie de ilha, um espaço isolado e protegido que permitia que se fizessem coisas. Hoje, esse espaço está muito mais vasto, embora continue a ser protegido no sentido em que o cinema português não precisa de se preocupar com a resposta do público. Isso é uma coisa boa, porque permite uma liberdade muito maior, de fazer o que se quer, sem ter de prestar contas; e isso vê-se nestes filmes.



MANUELA, LUÍS NORONHA DA COSTA © COL. CINEMATECA PORTUGUESA - MUSEU DO CINEMA

### **Como vê o futuro do cinema português?**

Surgem cada vez mais técnicas e é cada vez mais fácil fazer filmes, o que tem aspetos positivos, mas também negativos: a exigência pode ser menor, porque fazer cinema deixou de ser um luxo.

Ainda assim, noto que continua a haver uma espécie de resistência do chamado “grande público” ao cinema português, com a ideia de que é um cinema árduo, penoso, etc. Então, há um contraste forte entre esses dois extremos, entre o cinema considerado de elite e um cinema mais popular. Diria que falta algo no meio.

### **Hoje em dia há menos público de cinema português do que antigamente?**

Nunca houve muito, infelizmente. Hoje há menos espectadores de cinema no geral. Mas as gerações de cineastas e espectadores renovam-se e hoje vê-se uma maior adesão do público ao cinema português: mesmo o mais exigente e mais difícil tem distribuição, tem saída.

### **Como descreveria o papel da Gulbenkian na evolução do cinema português?**

Altamente positivo, claro. Nos primórdios, em 1969, a Gulbenkian era quase um país dentro de um país. Naquele contexto era necessário e criou um espaço autónomo e protegido. A Fundação sempre fez mecenato no sentido puro do termo, isto é, se achava que um projeto era válido, apoiava-o a fundo perdido, sem exigir um retorno. Isso era um dom, numa altura

em que o apoio à cultura era escasso. Mesmo hoje, os projetos apoiados pela Gulbenkian são muitas vezes de jovens cineastas, até em primeiros filmes; há uma coerência e é um papel muito positivo.

### **Qual foi o maior desafio enquanto curador deste ciclo?**

A dificuldade foi encontrar, na abundância de filmes propostos – são dezenas e dezenas, muitos dos quais confesso que não tinha visto –, uma coerência que pusesse em evidência a qualidade do cinema português apoiado pela Gulbenkian. Programar cinema é fazer listas, selecionar com nexos. Acabei por dividir em três subtemas: “Os anos Gulbenkian”, “Artistas filmados” e “O futuro da memória”. A programação está um pouco diferente dos ciclos anteriores, mas isso foi uma decisão consciente, que fez sentido.

### **Tem algum preferido?**

Todos [risos]. O mais insólito para o público talvez sejam os filmes do Noronha da Costa porque, ao passo que outros documentários (como *A Pousada de Chagas* ou *27 Minutos com Fernando Lopes Graça*) são filmes sobre artistas, estes são filmes de um artista. É um mundo fechado, um mundo secreto. Não é um cineasta que faz um filme sobre um artista, é um pintor que usa o cinema como outro meio. Esse tipo de cinema vem de outro mundo, é mais anacrónico e talvez não seja repetível hoje, pelo contexto em que foi feito e pela pessoa que o fez.

## Acordo para venda da Partex

*A Fundação Calouste Gulbenkian assinou um acordo para a venda da Partex com a PTT Exploration and Production (PTTEP), empresa pública tailandesa de exploração e produção de petróleo. A Fundação dá assim seguimento à decisão anunciada no ano passado de alienar o investimento em combustíveis fósseis.*



MONTRI RAWANCHAIKUL, PHONGSTHORN THAVISIN, ISABEL MOTA E JOSÉ NEVES ADELINO NA ASSINATURA DO ACORDO © FRANCISCO GOMES

O acordo foi assinado, no dia 17 de junho, pela presidente da Fundação Calouste Gulbenkian, Isabel Mota, pelo administrador José Neves Adelino e pelos presidente e CEO da empresa, Phongsthorn Thavisin e Montri Rawanchaikul.

A PTTEP é uma empresa que valoriza a história única e a elevada qualidade do portefólio da Partex, bem como a solidez da sua gestão e do seu *staff*. A PTTEP pretende utilizar a Partex como uma plataforma de crescimento, alargando as relações que hoje detém nos países em que opera. A PTTEP compromete-se a manter a gestão e restantes colaboradores da empresa, bem como a marca e o escritório em Lisboa, segundo os termos acordados para a transação. Empresa pública cotada na Bolsa da Tailândia, a PTTEP integra os índices Dow Jones Sustainability. A operar desde 1985, tem 46 projetos petrolíferos em 12 países espalhados pelo mundo.





PHONGSTHORN THAVISIN E ISABEL MOTA © FRANCISCO GOMES

Em 2018, o Conselho de Administração da Fundação Calouste Gulbenkian decidiu unanimemente desinvestir na área do petróleo e gás, acompanhando, aliás, o movimento internacional seguido por outras fundações. Para Isabel Mota, presidente do Conselho de Administração da Fundação, “esta transação marca uma reconfiguração da base de ativos da Fundação que é investida com o objetivo principal de obter um rendimento atrativo a longo prazo. A recomposição reforçará a diversidade dos seus investimentos e impacto social, em linha com a natureza filantrópica das suas atividades. Gostava de agradecer à PTTEP pelo seu empenho e desejar uma transição serena ao longo dos próximos meses. Gostava ainda de agradecer a todos os trabalhadores da Partex pelo seu trabalho e dedicação à empresa, desejando muito sucesso nesta nova etapa. Acredito que a transação representa uma ótima oportunidade de expansão da Partex sob a liderança de uma grande e credível empresa como a PTTEP.”

Já António Costa e Silva, CEO da Partex, disse: “A Partex tem uma história de mais de 80 anos, é detida pela Fundação há 60 e nesse sentido este é um momento significativo que consagra uma mudança de ciclo. Estamos orgulhosos do passado, mas agora estamos com os olhos postos no futuro. Vamos trabalhar com o novo acionista com a mesma dedicação, lealdade e entusiasmo, para responder a todos os desafios e participar na transição energética contando sempre com a ajuda inestimável da nossa equipa.”

Nesta operação, a Fundação teve como consultores a Jefferies International Limited, a Linklaters e a Morais Leitão, Galvão Teles, Soares da Silva & Associados. A operação terá um valor de 622 milhões de dólares, sujeita aos ajustes habituais nestas transações. O acordo seguirá agora o habitual processo de autorizações, que deverá estar concluído até ao final do ano.

---

# Dia Calouste Gulbenkian

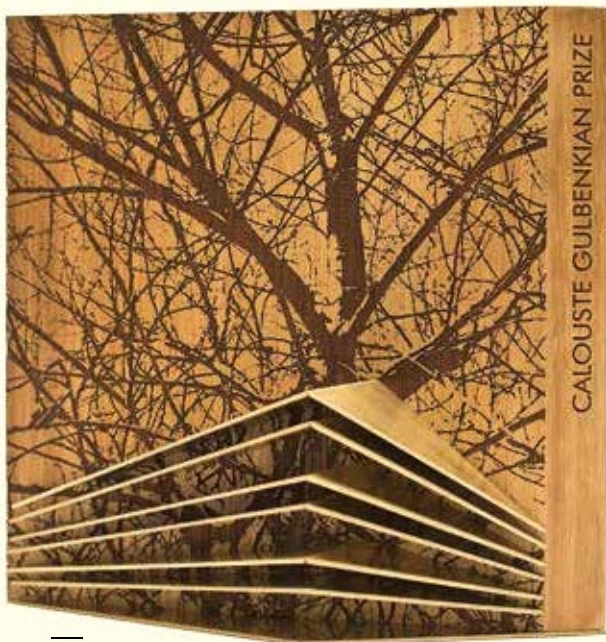
*Este ano, o dia dedicado a Calouste celebra-se a 19 de julho, com a já habitual entrega de prémios, um concerto e o lançamento do livro que junta as cartas de Gulbenkian ao neto, Mikaël Essayan.*

Uma hora antes da cerimónia de entrega dos prémios Gulbenkian, marcada para as 18h, o Auditório 2 recebe o lançamento do livro *A Educação do Delfim. Cartas de Calouste Gulbenkian a seu neto*, um volume trilingue (português, francês e inglês) que compila alguma da correspondência (a maior parte escrita em francês) trocada entre Calouste Gulbenkian e o neto, Mikaël Essayan, durante a II Guerra. Estas cartas, em que Calouste assume, como desígnio pessoal, as rédeas da educação do neto que considera o seu delfim, acabam por revelar o lado mais pessoal de Gulbenkian e constituem uma das raras fontes que nos permitem vislumbrar a sua personalidade e a sua mentalidade, os seus pensamentos, valores e princípios.

As comemorações prosseguem no Grande Auditório. Este ano, o Prémio Calouste Gulbenkian, no valor de 100 mil euros, será entregue a pessoas singulares ou coletivas que se tenham destacado internacionalmente na defesa e na concretização do fortalecimento da Democracia na era digital. O vencedor será escolhido por um júri presidido por Jorge Sampaio.

Os prémios nacionais, nas áreas de Coesão, Sustentabilidade e Conhecimento, serão entregues aos candidatos mais fortes nos temas “Violência contra os grupos mais vulneráveis da sociedade”, “Economia circular” e “Tecnologias para a aprendizagem”, respetivamente. Os vencedores serão escolhidos por um júri presidido por António M. Feijó e terão um prémio no valor de 50 mil euros cada. A encerrar as comemorações, o maestro Nuno Coelho dirige a Orquestra Gulbenkian na estreia absoluta do Concerto para clarinete e orquestra, de Luís Tinoco, e interpretação de peças de Franz Waxman e de George Gershwin. O clarinetista Horácio Ferreira e o violinista André Gaio Pereira são os solistas convidados para este concerto.

Programa em [gulbenkian.pt/](http://gulbenkian.pt/)



---

# Novas Academias Gulbenkian do Conhecimento

*As 35 novas Academias vão trabalhar competências sociais e emocionais com 27 mil crianças e jovens de todo o país. Duas das novas Academias foram escolhidas diretamente pelo público.*



ACADEMIA NO CENTRO INFANTIL DE NOSSA SRA DO CARMO, EM MOURA © D.R.

Apresentaram-se, vindas de todo o país, com projetos nas mais diversas áreas de atuação — da saúde ao desporto, passando pela arte e cultura, a solidariedade, a tecnologia, a educação. Em comum, tinham o objetivo de trabalhar competências sociais e emocionais com crianças e jovens, de lhes dar ferramentas para enfrentarem melhor um futuro em rápida mudança. Candidataram-se, a esta segunda fase das Academias Gulbenkian do Conhecimento, 403 instituições (públicas, privadas ou particulares de solidariedade social, sem fins lucrativos), das quais foram seleccionadas 35, sendo que duas (e esta é uma novidade em relação à primeira fase de candidatura) foram escolhidas pelo público.

Com a seleção destas 35, passam a existir 67 Academias por todo o país. As Academias Gulbenkian do Conhecimento foram lançadas em 2018, tendo presente estudos do Banco Mundial, da OCDE ou do World Economic Forum que indicavam que 80 por cento das crianças que entram hoje na escola terão empregos que ainda não existem, que metade dos empregos estão em risco pela automação e que 40 por cento das competências-chave do futuro serão diferentes das de hoje. As Academias vieram promover o desenvolvimento de competências como a adaptabilidade, a autorregulação, o pensamento criativo, a resolução de problemas, a resiliência e a comunicação, fundamentais para as crianças e jovens de hoje enfrentarem os desafios de um futuro imprevisível.



# De hoje para amanhã

*Em nome da justiça intergeracional, pense bem antes de agir.  
Que consequências terá a sua próxima decisão na vida das gerações futuras? É que depois de hoje há um amanhã.*



Sabia que em 2016 um pensionista recebia quase 60 por cento do seu salário bruto, mas que um pensionista de 2060 só há de receber cerca de 35 por cento? E que, entre os portugueses com formação secundária ou superior, o rendimento médio dos menores de 35 anos é cerca de metade do rendimento médio dos maiores de 55 anos? Ou que Portugal esgotou, no dia 16 de junho de 2018, os recursos que o país tem capacidade de regenerar no período de um ano? Podíamos continuar a debitar conclusões deste género, apuradas por instituições como a Comissão Europeia, a Global Footprint Network ou o Banco de Portugal. Mas vamos antes anunciar o que a Fundação Gulbenkian pretende fazer em prol de uma maior justiça intergeracional.

A Fundação lançou, no início de junho, De hoje para amanhã, um projeto que visa promover uma maior consciencialização sobre o impacto que os compromissos assumidos hoje hão de ter na vida das gerações de amanhã e, ainda, incentivar a adoção de critérios de justiça intergeracional aquando da definição de políticas públicas.

Foi pedido a um conjunto representativo de deputados da República e a uma amostra da população portuguesa para se pronunciarem sobre o assunto e concluiu-se que 60 por cento dos inquiridos estão muito preocupados com o bem-estar das gerações seguintes mas que, apesar disso, mais de metade considera que os decisores políticos não estão a fazer o suficiente nesta matéria. Quanto a estes, os decisores políticos, quase dois terços concordam que estão a transferir poucos recursos para as gerações futuras. Justificam-se com a falta de estudos de apoio à decisão e com a falta de incentivos políticos – o votante mediano tem mais de 50 anos e há grande pressão para governar a pensar nestes. Um deputado entrevistado explicou-se citando Reagan: “Os governos não governam para as próximas gerações, governam para as próximas eleições.”



IMAGEM DO VÍDEO DA CAMPANHA CRIADA PARA O PROJETO DE HOJE PARA AMANHÃ © HOMEM BALÁ

O projeto pretende assim desenvolver e divulgar estudos em áreas tão díspares quanto a habitação, as contas públicas, o mercado de trabalho ou o ambiente, e elaborar propostas que promovam, junto dos decisores políticos e dos cidadãos, a consciencialização sobre o impacto dos compromissos assumidos e ajudem a identificar eventuais desequilíbrios distributivos entre gerações. Paralelamente, a Fundação está a criar, em colaboração com a School of International Futures, uma metodologia de avaliação de impacto deste tipo de políticas públicas que permitirá, por um lado, analisar os custos e benefícios, para as diferentes gerações, de cada política pública e, por outro, avaliar, com base em critérios objetivos, se as políticas públicas (propostas ou existentes) acautelam devidamente os interesses das gerações de amanhã.

Para mais informações, consulte [gulbenkian.pt/de-hoje-para-amanha](http://gulbenkian.pt/de-hoje-para-amanha)

---

# International Development Summer Course

*Oradores nacionais e internacionais debruçaram-se sobre questões relacionadas com a inovação, o financiamento e as parcerias no setor privado.*

Inovação, finanças e financiamento, parcerias inovadoras no setor privado, digitalização e comunicação – foram estes os temas que levaram 30 responsáveis de organizações não governamentais para o desenvolvimento, plataformas de ONG internacionais e outros profissionais ligados ao setor a participar, entre 28 e 31 de maio, no 2nd International Development Summer Course.

A iniciativa, promovida pela Fundação Gulbenkian, em parceria com a Plataforma Portuguesa das ONGD e o Centro de Estudos de África, Ásia e América Latina do ISEG/Universidade de Lisboa, tem ajudado a desmistificar o trabalho que cada ator desenvolve no setor, fortalecendo-o e potenciando-o. Mas não só.

No fim do curso, Susana Damasceno, fundadora e presidente da ONG Aidglobal, confessou: “Este curso foi quase evangélico. O que absorvi vai revelar-se ao longo do tempo e vai mesmo fazer a diferença.” Por enquanto, o curso obrigou-a a parar e a refletir – um luxo, para quem vive a alta velocidade. Depois, pôde “ouvir colegas de outras proveniências [de Inglaterra, Cabo Verde, Colômbia, Comissão Europeia, UNICEF], com outras histórias de vida”: “Isso dá-nos boas ferramentas.”

O seu trabalho passa pelo desenvolvimento sustentável, em Portugal e Moçambique. Cá, promove a cidadania global, alertando para “a necessidade de os mais novos se posicionarem perante um mundo com múltiplos desafios”. Em Moçambique, trabalha no “combate à iliteracia e no acesso ao livro”, capacitando as crianças moçambicanas “a serem melhores alunos, melhores cidadãos, para serem mais competentes e desenvolverem empresas em Moçambique; e quando estabelecerem parcerias com estrangeiros, terem os recursos para tomar as melhores decisões.” Em Moçambique, diz, podem estar num patamar prévio, mas acrescenta: “Lá ainda sabem o que é essencial – o sentido de comunidade, de entreajuda, de bem-estar comum. E, focados no essencial, têm uma visão muito mais inovadora das coisas.”



---

# A luta contra o abuso de crianças e jovens

*A Rede CARE, da APAV, nasceu em 2015, cresceu e multiplicou-se. E contou com o apoio da Fundação Gulbenkian desde a primeira hora.*



Em 2015, a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), numa estreita parceria com a Polícia Judiciária (PJ) e o Instituto de Medicina Legal e Ciências Forenses e com o suporte da Fundação Calouste Gulbenkian, criou uma rede de apoio especializado para crianças e jovens vítimas de violência sexual. Foi-lhe dado o nome de “Rede CARE” e começou a operar em janeiro de 2016. A rede traz no seu nome o verbo inglês *care*, que significa preocupar-se com o outro, cuidar do outro.

No âmbito desta rede, foi sendo dada formação a profissionais do setor, instalados nos Gabinetes de Apoio à Vítima que a APAV tem espalhados pelo país. Com o passar dos anos, e sempre com o acompanhamento e apoio financeiro da Fundação, a Rede CARE foi alargando o seu âmbito de atuação: em junho de 2017 às regiões Norte, Centro e Alentejo, com o apoio da Portugal Inovação Social, e em junho de 2018 às regiões do Algarve, Açores, Madeira e Lisboa/Setúbal.

O alargamento da rede foi acompanhado de uma nova estratégia de comunicação. Neste contexto, foi lançado um *website* onde estão compilados informação e contactos da Rede CARE e respostas a muitas e variadas perguntas. No dia de apresentação deste novo *website*, foi ainda divulgada a nova campanha de comunicação da APAV (ver imagem) e um balanço destes 40 meses de atividade: foram realizados mais de 10 mil atendimentos e apoiados 881 crianças e jovens e 140 familiares e amigos. Em termos de perfil da vítima e do autor, sabe-se que mais de metade dos abusos foram realizados em contexto intrafamiliar e que os atos foram praticados, em quase 64 por cento dos casos, de forma continuada. Os autores são, em 91,4 por cento, dos casos, de sexo masculino. Quanto às vítimas, 80 por cento são de sexo feminino. Para dois terços dos casos, o primeiro contacto foi realizado entre os 8 e 17 anos da vítima.

# Ambientes

---

Fotografia de Mónica de Sousa

*Cerca de 1700 pessoas assistiram à conferência de António Damásio, uma semana antes de encerrar a exposição Cérebro – mais vasto que o céu. Temas como a memória, a consciência e o corpo estiveram presentes nesta palestra do cientista. A exposição, que trouxe cerca de 85 mil pessoas à Fundação, terminou no dia 10 de junho.*





GULBENKIAN.PT

---

Av. de Berna, 45A, 1067-001 Lisboa